

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, NOVEMBRO/2009 - ANO XII - Nº 154

Foto arquivo Pró-Memória

EDITORIAL

O 20 de novembro, Dia Nacional da Consciência Negra, foi oficialmente instituído pelo governo federal, em 1995, no contexto das comemorações do tricentenário da morte de Zumbi dos Palmares. Esse dia é síntese de reflexão e ação, traduzidas como luta e reafirmação permanente de cidadania. A data refere-se à morte de um dos principais líderes negros que resistiu à escravidão, Zumbi dos Palmares, ocorrida, ao que se sabe, por volta de 1665. Zumbi liderou um grupo de escravos fugidos do cativeiro, que deram origem à mais conhecida das comunidades a se levantar contra a escravidão – o Quilombo dos Palmares.

Apesar de enfrentar, durante séculos, o silêncio sistemático imposto pelos que buscavam esvaziar as lutas dos africanos cativos e seus descendentes, a memória de Zumbi dos Palmares permaneceu viva e cultivada por gerações que se recusaram a se calar diante do racismo e discriminação travestidos de democracia social. As lutas da população afro-descendente tornaram possível a inclusão do Dia da Consciência Negra como data cívica nacional incorporada ao calendário escolar.

O Dia da Consciência Negra não serve para ações comemorativas laudatórias com fundo mítico. O 20 de novembro busca promover ações afirmativas de valorização da população afro-descendente brasileira, mantendo luz sobre nosso passado escravista e criando formas de construir ações de combate ao seu funesto legado.

O Dia da Consciência Negra deve ser visto não como mero contraponto a uma história marcada por uma interpretação cujo principal personagem é um Estado benevolente, que, com um simples gesto, colocou fim ao cativeiro no Brasil, mas como momento para refletir sobre a situação marginal de grande parte da população brasileira. Portanto, é igualmente um momento para potencializar as estratégias de ações afirmativas que permitam à população afro-descendente e, por extensão, ao conjunto da população brasileira marginalizada, reafirmar sua presença social, sua cidadania. Assim, a vida de Zumbi e a comunidade do Quilombo de Palmares apresentam-se como instigantes paradigmas na luta pelos direitos democráticos.



Uma crise socioambiental sem precedentes atinge o planeta. É sempre bom lembrar que é nas atitudes individuais que mora a semente do comportamento coletivo. Revegetar nossas encostas e margens de rios é um bom começo para minimizar os efeitos do aquecimento global.

Conferência do Clima

Não é preciso ser especialista para se constatar as mudanças climáticas por que passa o planeta. Por meio dos noticiários observamos, a todo momento, os efeitos do aquecimento global e suas repercussões nos quatro cantos do mundo. Preocupados com a rapidez com que esses problemas se estendem, a ponto de desequilibrar a economia mundial, mais uma vez, lideranças de cento e noventa países se reúnem, agora em Copenhague, na Dinamarca, para discutir alternativas para o combate às mudanças climáticas que ameaçam a vida humana. Fenômenos como furacões, enchentes, secas, queimadas, chuvas torrenciais e outros eventos climáticos extremos vêm causando forte impacto na vida das pessoas, no Brasil e no mundo. Para esse encontro, que acontecerá entre 7 e 18 de dezembro, representantes de países desenvolvidos e em desenvolvimento estão preparando as posições que levarão para esta reunião, chamada de COP 15. O acesso a essas posições e sua divulgação são fundamentais para que a população possa participar do processo. A informação é ferramenta necessária para o envolvimento de todos no planejamento e na execução de programas ambientais. O acesso à informação tem sido amplamente reconhecido, a fim de se assegurar a participação da sociedade civil e do indivíduo como atores essenciais nas negociações e políticas de meio ambiente, inclusive quanto às necessidades de mitigação e adaptação relativas aos efeitos das mudanças climáticas.

Em São Paulo, no último dia 9 de

novembro, o governador José Serra sancionou a Política Estadual de Mudança Climática. O principal avanço nessa nova legislação é a meta de redução, em todos os setores da economia, de 20% da emissão de gases de efeito estufa, até 2020. Com essa meta ambiciosa, São Paulo trabalha para construir uma economia verde. Além da redução da emissão de gases do efeito estufa, serão realizadas ações para aumentar a parcela de fontes renováveis de energia, prevenir e adaptar alterações produzidas pelos impactos das mudanças climáticas, e preservar e ampliar os estoques de carbono no estado. Quando se pensa em emissão de CO₂, deve-se pensar, também, em sequestro de carbono, que ajuda no combate às mudanças climáticas e ao aquecimento global.

Constata-se que, nos últimos anos, as questões voltadas para o meio ambiente tornaram-se prioridade na maioria dos países, fazendo parte da agenda dos governos. Tem crescido a consciência preservacionista. Busca-se minimizar o impacto decorrente do aquecimento global. Toda a sociedade deve se mobilizar na recuperação da natureza e se unir em prol de políticas sustentáveis geradoras de renda, buscando proporcionar qualidade de vida a todo cidadão. Um importante passo a ser dado em todo o país seria o fortalecimento de mecanismos fiscalizadores do cumprimento da legislação ambiental. O Brasil tem uma das mais avançadas legislações nessa área. Seu cumprimento será uma contribuição determinante para a questão do clima.

Imagem - Memória



Foto arquivo Pro-Memória

Para resolver os problemas dos sepultamentos do Bairro do Piquete, que até então eram realizados em Lorena, foi construído um cemitério junto à Capela de São Miguel, em 1875. Na foto do início do século XX, vê-se a Matriz, o cemitério e o Paço Municipal.

A origem do cemitério de Piquete

Com a construção da Capela de São Miguel, no bairro lorenense de Piquete, na segunda metade do século 19, e sua elevação à categoria de freguesia através da Lei Provincial nº 10, de 22 de março de 1875, as lideranças políticas locais passaram a discutir com maior vigor os problemas da comunidade. Visavam à sua emancipação. Uma das questões que muito afligia os moradores do bairro dizia respeito a mortes e sepultamentos. Como não havia um cemitério no Piquete, toda vez que alguém morria era uma dificuldade transladar o defunto até Lorena, para ser sepultado. Para os grandes proprietários de terra que possuíam casa na sede da comarca, era lá que acabavam morrendo; não havia, portanto, maiores problemas. Os comerciantes e pessoas com posses contavam com grande número de parentes, amigos ou algum escravo, mas os pobres e desvalidos frequentemente iam bater à porta de algum fazendeiro ou proprietário de escravos rogando empréstimo para pagar o funeral. Esses pedidos certamente não eram recebidos de bom grado; e com o aumento populacional do bairro, o descontentamento aumentou ainda mais. A questão acabou chegando à Câmara de Lorena que, por essa época, era presidida pelo Dr. Antônio Rodrigues de Azevedo Ferreira, eminente político provincial e proprietário da Fazenda Santa Eulália, grande produtora de café, localizada em Piquete, onde hoje se encontra o bairro da Vila Esperança. Numa sessão da Câmara, o Dr. Rodrigues justificava a criação de um cemitério na Freguesia do Piquete dizendo da sua importância para a população e mencionando que os defuntos precisavam ser conduzidos numa distância de mais de 4 léguas e os fazendeiros eram “constantemente incomodados pelos pobres para

fornecer escravos que conduzissem os corpos de tais distâncias até a cidade de Lorena, o que acarretava prejuízos nos trabalhos da lavoura e dava margem a desordens, pois os escravos voltavam quase sempre embriagados ou ficavam ausentes por mais de um dia, em detrimento da disciplina.”

Aprovada pela edilidade lorenense a criação do cemitério no Piquete, foi constituída uma comissão para escolher um local adequado para tal mister. O tenente José Mariano Ribeiro da Silva, que, anos antes, já havia doado o terreno para a construção da Capela de São Miguel, ofereceu o terreno para a necrópole. Na sessão ordinária de 18 de junho de 1875, a comissão aceitou a doação e já apresentou o orçamento de 500mil réis para a construção. Tudo aprovado, foi posto em concorrência pública.

Decorridos 4 meses, na sessão de 16 de outubro, a Câmara lorenense, sob a presidência do Dr. Rodrigues de Azevedo, recebeu “uma proposta do Alferes Paulino Rodrigues Monteiro, oferecendo-se para mandar fazer o cemitério do Piquete, de conformidade com o plano apresentado, pela quantia de 700 mil réis, e apresentando para seu fiador o Tenente José Pereira Ramos. Não havendo outra proposta e declarando os avaliadores que a quantia de 500 mil réis em que orçaram não compreendia o plano das obras publicadas, deliberava a mesma Câmara aceitar a proposta supra, autorizando o presidente a assinar o contrato, podendo adiantar alguma quantia se assim exigir o contratante.” As obras tiveram início de imediato. Cercado com um muro de taipa, com um portão de acesso, localizava-se atrás da Capela de São Miguel. Por ironia do destino, o Tenente José Mariano, que havia doado o terreno e se empenhado na cons-

trução da Capela de São Miguel, bem como na do cemitério, sepultou em 11 de dezembro de 1881 sua esposa Emiliana Esperança da Glória, mãe de Carlos Ribeiro, Maria Eufrásia, Augusto Ribeiro e José Mariano Ribeiro da Silva Júnior. O Tenente José Mariano foi o grande propugnador dos trabalhos que levaram à emancipação político-administrativa de Piquete e um nome que deverá sempre ser lembrado.

Dado pitoresco referente aos sepultamentos daqueles tempos diz respeito ao fato de que não havia caixões para transportar os defuntos. O morto ia de Piquete a Lorena numa rede amarrada numa vara carregada nos ombros por pessoas que se revezavam. Contam que para aliviar o peso do morto, era costume, quando paravam numa aguada para descansar, molhar a rede por baixo. Outros dizem que também se cortava uma vara e se batia no defunto para que ele ficasse mais leve. Mas essa já é uma outra história...

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204

Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editores:

Marcos R. Rodrigues Ramos

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Sérgio dos Santos – Serjão

“Não há prosperidade se faltar a chama da esperança, assim como não há esperança se perdemos a capacidade de sonhar. (...) Não há nada mais restaurador do que voltar às memórias despertadas pelo barulho do trem do metrô e vislumbrar um lugar que pudesse se chamar Piquetópolis...”. A frase é de Sérgio Santos, um piquetense que construiu sua vida fora de Piquete, mas que nutre especial paixão por sua cidade natal.

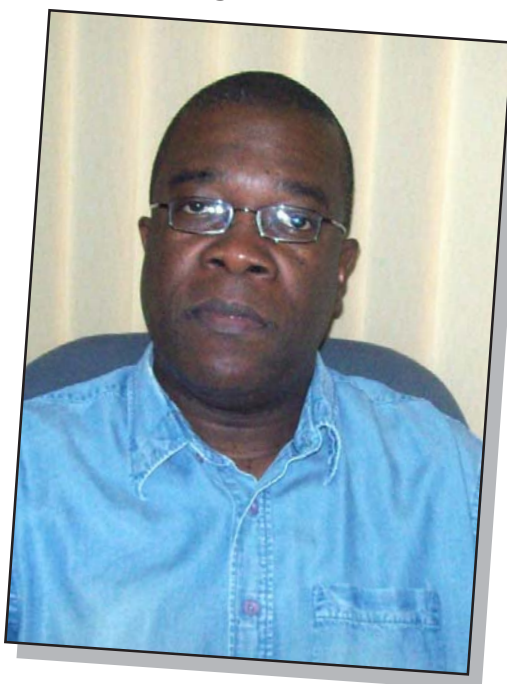
Sérgio, nascido a 10/03/1959, é filho de Antônio Braz dos Santos e Izabel Maria dos Santos, e tem nove irmãos. Sobre a infância, diz que o grande valor foi a intensa vida comunitária, com brincadeiras de rua, banhos em poços, peladas no campinho atrás do mercado, romarias a pé até Aparecida... Os amigos são tantos, que “se torna quase impossível citá-los sem preterir alguns”, afirma.

Ao iniciar os estudos, sua primeira professora foi D. Irene Fonseca. “Fiz o primeiro ano três vezes, com as professoras Maria de Lurdes, Darci Damico e Cidinha Marcondes...”, na Escola do “seu Leopoldo”. A partir da quarta série, transferiu-se para o Colégio Leonor Guimarães, onde concluiu o atual Ensino Médio. “As dificuldades financeiras não foram poucas. A partir dos 13 anos passei a estudar de manhã e na parte da tarde e finais de semanas, a trabalhar na Papelaria do Estudante. A remuneração garantia os materiais de que necessitava”.

Com muito esforço, Sérgio formou-se em Direito, pela UNIVAP. Em 1998 tornou-se Defensor Público em Minas Gerais, cargo que exerce até hoje.

Inquieto, batalha para aprimorar-se, cada vez mais, na capacidade de se fazer chegar aos corações das pessoas por meio do bom uso da palavra, essencial em sua profissão. Foi assim que, há anos, ingressou com uma ação popular pela preservação da Estação Rodoviária Rodrigues Alves. “Aquele espaço destruído representaria a destruição de uma valiosa parte da história de muitas pessoas e da minha própria” – foi essa a mensagem que tentou transmitir, à época, para os piquetenses. A defesa do patrimônio histórico e ambiental foi uma das militâncias junto aos amigos do GAM, Grupo Ambientalista Marins, um dos mais ativos no Vale do Paraíba já na década de 90.

Negro e pobre, jamais se deixou vencer por preconceitos. Hoje profissional de destaque, traduz “sucesso” como o “direito



de vir a ser” e cita o senso de dignidade e prosperidade como sua principal ferramenta. Explica a dignidade com sua infância, que, apesar das privações materiais, contou com o carinho das diversas “vós”: Nina, Tudiinha, Dorva, Olímpia – sua parteira – e tantas outras. Cita, ainda, Benedita do Euclides, que o levava para piqueniques, e dona Ditinha, que o levou para a primeira pesagem. Já a prosperidade é considerada porque acredita que nenhum ser humano nasceu para crescer como vegetal – “meus amigos, todos tinham um projeto de vida, alguns com menos, outros com mais possibilidades.”

Casado desde 16 de fevereiro de 1995 com Luciane Nogueira Amaral dos Santos, tem duas filhas, Juliana e Sofia. Divide o tempo entre Minas Gerais e São Paulo, com visitas frequentes a Piquete, onde está investindo num projeto para desenvolver os temas dignidade e prosperidade junto à comunidade, especialmente a negra. Proclama a certeza de que todo ser humano nasceu para ser o protagonista de seu próprio tempo, e reclama do ostracismo imposto pela academia no que diz respeito à relevância do negro na formação socioeconômica de Piquete. Sua premissa merece ser divulgada: “Negar a alguém o direito de

apropriar-se do seu passado – que o permite entender o presente e vislumbrar um futuro – talvez seja uma das formas mais cruéis de violência, pois representa negar-lhe o existir”.

A sensibilidade de “Serjão” cativa e emociona. Incorpora uma criança na inocência dos desejos e um leão quando se propõe a defender Piquete. Almeja-a idealizada, pois afirma que “feliz é o homem que tem um lugar para onde voltar. Mesmo que nunca volte”. Oxalá ele volte logo. Piquete só teria a ganhar.

O ambientalista “Serjão” por ocasião de plantio de muda em frente à Matriz de São Miguel, com membros do GAM, em 23/09/1990.



Fotos arquivo Pro-Memória

Notas da Cidade

☒ **Semana da Consciência Negra**

A Comunidade Negra Jongo de Piquete comemorou a **Semana da Consciência Negra** com o lançamento do “**Fichário Jongo na Escola**” e o seminário “**Educação, Cultura e Patrimônio**”, nos dias 17 e 18 de novembro, respectivamente. O Fichário foi distribuído para as todas as escolas públicas do município.

Abertura da**Semana da Consciência Negra**

- **Dia 17/11**, às 19h, na Câmara Municipal de Piquete, lançamento do Fichário Jongo na Escola

Apresentação do “Sou de Jongo”

Seminário Educação, Cultura e Patrimônio: a Diversidade na Escola

Dia 18/11, no Salão de Atividades Luiz Vieira Soares:

13h: Abertura, com a presença do Grupo de Jongo de Piquete e de representantes do IPHAN e do Pontão de Cultura do Jongo/Caxambu

13h30min: Pontão de Cultura do Jongo/Caxambu e Coletânea “O Jongo na Escola” Prof^a. Elaine Monteiro (Pontão de Cultura do Jongo/Caxambu/UFF)

Prof^a. Mônica Sacramento (Pontão de Cultura do Jongo/Caxambu/UFF)

14h: Jongo de Piquete - Mestre Gil

14h15min: Vídeo-debate, com apresentação do filme “Se eles soubessem”

15h30min: As Africanidades no Jongo/Caxambu

Das 16h às 18h: Educação, Cultura e Patrimônio: a Diversidade na Escola.

☒ **Show de Agnaldo Timóteo**

Agnaldo Timóteo se apresentará em um baile em Piquete, no Elefante Branco, no dia **4 de dezembro** – segundo informações do Sr. José Valério (Sabará), a data de 5/12 foi alterada em função da agenda do cantor. A renda será destinada às entidades de Piquete: Escolinha de Futebol “Pirralhos”, Liga Piquetense de Combate ao Câncer, Associação dos Funcionários da IMBEL e CONSEG.

A Comissão organizadora é composta por: **Presidente:** José Valério (Sabará); **Vice-Presidente:** Cel. Weldon Massi; **Secretário:** Claudinei de Barros; **1º Tesoureiro:** Emanuel; **2º Tesoureiro:** Damasceno; **Relações Públicas:** Ten. Luiz Carlos.

Para garantir o sucesso do evento, estão sendo realizadas reuniões semanais, no gabinete do Cel. Weldon Massi, Superintendente da FPV.

Os convites estão à venda com os organizadores e em diversos pontos do comércio local. Participe! Colabore com nossas entidades!

Memorial dos Moradores de Piquete - 28

Casal Sr. Antônio Vianna e Dona Benedita da Cunha Vianna (Dudu) e família

A propósito do casal acima nomeado, conversei agradavelmente com Mabel e Julieta Vianna e falei-lhes de minha admiração por seus pais, expressando, segundo admito, a opinião dos piquetenses que com eles conviveram. Na casa familiar onde o casal se instalou após o casamento e criou seus filhos, Mabel e Julieta vivem num ambiente de belíssima decoração, conservação e memórias bem cultivadas. Na rua Barão da Bocaina, 118, a tradição familiar piquetense tem presença exponencial pontilhada pelas fotos – evocativas e lindas –, os móveis da herança e da escolha das proprietárias, os quadros bem posicionados, a tapeçaria, as plantas, o jardim interno e a calorosa hospitalidade. Um verdadeiro relicário.

Antônio Vianna viveu de 17 de abril de 1903 até 29 de outubro de 1973, portanto, 70 anos. Nasceu em São João da Barra (RJ) e faleceu em Piquete, para onde veio aos 8 anos de idade, acompanhado da mãe e irmãos, após a morte do pai. Um irmão da mãe, Sr. Targino Cunha, os recebeu e ajudou a encaminhá-los na fixação da residência em nossa cidade.

Dona Benedita da Cunha Vianna (Dudu), natural de Piquete, nasceu a 7 de janeiro de 1911 e faleceu nessa cidade a 14/jul/1986.

O casal teve 5 filhos: Maria Benedita Vianna Cintra, Mabel Vianna, Targino Vianna, Luiz Vianna, já falecido, e Julieta Vianna.

Os netos, em número de 10, somam 4 filhos de Maria Benedita, 4 de Targino e 2 de Luiz. Os bisnetos são 7, sendo 3 originados de Targino e 2 de Luiz.

Antônio Viana foi mecânico, professor dessa atividade na Escola Industrial Masculina, onde granjeou admiração pela dedicada tarefa a que se propôs. Músico, era presença sempre marcante e bem representada na Banda de Música da FPV, e depois, na Corporação Musical Piquetense. Seus instrumentos eram o clarinete e o saxofone, e em ambos o desempenho atento e bem constituído. Inúmeras fotos circulam na iconografia piquetense registrando essa presença inolvidável. O homem simpático, bem posto, bom músico e um cavalheiro modelar na etiqueta dos bons costumes.

Dona Dudu, com esse nome carinhoso da nossa lembrança, costurava, e dessa arte era mestra. A delicadeza que a envolvia fazia dela uma pessoa bem recebida, e que bem sabia receber os que se aproximavam. Ao percorrer os olhos pelas fotos nos ambientes da casa, notamos registrados os componentes do núcleo familiar, fixados para

pontuar o tempo e a memória afetiva.

No percurso do olhar, o detalhe dos candelabros, dos tapetes e almofadas, a porta envidraçada com rendas interpostas aos vidros, uma delicadeza de bom gosto.

E mais, o brilho das louças, porcelanas finas, metais e cristais –, além das lendárias e preciosas porcelanas chinesas. A cadeira de repouso do avô e o relógio de pêndulo lá estão como testemunhas em harmoniosa composição. E lá também o registro do relógio despertador funcional, na lembrança da missão de acordar o pai nas manhãs operosas da faina diária. Os móveis restaurados por boa artesanaria atestam, por sua vez, o cuidado das proprietárias atendendo à boa educação que receberam.

A conversa que tive com elas a 12 de agosto de 2009, prazerosa, foi um exercício de mergulho na alma piquetense, no que ela tem de mais precioso e significativo. Possam esses sinais nos orientar na motivação em presentificar um passado, cuja referência nos mantém cidadãos de um local sempre construído pela fé no futuro e no dia-a-dia, fundamentados no esforço conjunto. Fé que sempre esteve presente na trajetória dessas vidas e mantém-se viva para solidificar-se na continuidade.

Dóli de Castro Ferreira

Professor: será que o salário reflete na sua atuação?

Sabe-se, de antemão, que o salário do professor de educação básica no Brasil é uma questão polêmica. Por isso, lhe pergunto:

Caro leitor, em sua opinião, o salário do professor reflete na sua atuação profissional?

Estudos empíricos revelam que nem sempre os professores com melhores salários são os que ensinam melhor. Estudos também demonstram que o salário interfere no contexto de vida do professor e, consequentemente, na sua atuação.

Vamos entender junto essa questão?

Atualmente, para desempenhar bem a função de professor, é preciso estar em permanente formação, é necessário estar conectado (em especial, via internet), é fundamental a aquisição de livros e revistas atualizados sobre ensino. Ah, é preciso também ler jornais, ouvir música, assistir filmes e programas de televisão, ou seja, é preciso “estar por dentro de tudo que acontece na sociedade”. Por quê? Porque o trabalho em sala de aula deve ser contextualizado com o que se passa no mundo à nossa volta. Disso não temos mais dúvidas!

Portanto, o professor, além de honrar seus compromissos pessoais e básicos (moradia, alimentação, saúde...), precisa investir na sua formação, acessar a internet, comprar livros, revistas, jornais, alugar filmes... Isso é condição básica para a sua atuação com qualidade.

Pois bem... Imagino que você, assim como eu, pense que o professor precisa ter um salário compatível com as demais profissões de nível superior: advogados, médicos, engenheiros, entre outras. Isso é ponto de partida!



É claro que imaginar que o aumento do salário do professor seria a solução para todos os problemas relacionados à qualidade da educação é uma postura ingênua e simplista. Mas, ignorar o impacto que poderia causar é igualmente equivocado. Por exemplo, um dos aspectos já constatados é que se faz necessário atrair para o magistério pessoas mais bem preparadas. E pessoas melhor preparadas são atraídas pelos atuais salários do magistério? Informações oficiais mostram que não!

Dados do questionário socioeconômico do ENADE (Exame Nacional de Desempenho de Estudantes do Ensino Superior) mostram que os alunos em cursos de formação de professores são os mais pobres, de famílias menos escolarizadas e que mais estudaram na rede pública. Diferente dos alunos de cursos como Medicina, Direito, Administração.

Então, não se pode ter dúvida de que o aumento de salário dos professores é questão política e de interesse público. Cabe ao governo e à sociedade ação imediata.

Laura Cristina Chaves

Fotos JAF



Parque Nacional Altos da Mantiqueira

Quem percorre o Vale do Paraíba pela via Dutra, observando a paisagem, impressiona-se com a imponência da Serra da Mantiqueira e seus inúmeros picos que, de tão altos, parecem tocar o céu.

A Mantiqueira é uma extensa cadeia de montanhas que segue paralela à costa leste do Brasil, formando o segundo degrau do planalto brasileiro – o primeiro é o da Serra do Mar, mais próximo do oceano. Caracteriza-se pelas elevadas e íngremes escarpas voltadas para o Vale do Paraíba, cujos desníveis excedem a dois mil metros.

Situada nos estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, seu trecho mais contínuo e expressivo é o localizado ao longo do médio Vale do Paraíba do Sul, que, por diversas vezes, chega a mais de 2200m de altitude. Nessa região, a base das encostas que formam a Mantiqueira está em altitude próxima aos 500m, enquanto as áreas superiores chegam a 2.700m. Trata-se de uma região montanhosa, de extrema beleza cênica e repleta de nascentes de importantes rios. Abriga fragmentos de Mata Atlântica em estágios avançados de sucessão ecológica e remanescentes de campos de altitude.

Havia muito tempo, cogitava-se a criação de uma unidade de preservação que englobasse os diversos remanescentes dessa floresta, construindo-se um dos maiores corredores de Mata Atlântica do país, pela riqueza em biodiversidade, beleza das paisagens e abundância de mananciais hídricos. Esse corredor formado na Mantiqueira manteria o fluxo genético da flora e fauna.

Desde o início da colonização do Brasil, o grau de devastação deste bioma foi

intenso. Estima-se que restam cerca de 7% da área original de Mata Atlântica, que, por sua importância ecológica, devem ser preservados. Daí a criação do Parque Nacional Altos da Mantiqueira. Apesar de inserido na Área de Preservação Ambiental (APA) da Mantiqueira, que já vem atuando no ordenamento do uso e ocupação do solo e na conservação dos recursos naturais da região, necessita-se, ainda, de instrumentos mais restritivos para garantir a preservação desses remanescentes de Mata Atlântica sujeitos a fortes pressões de ocupação e parcelamento do solo.

Paralelamente ao processo de criação do parque, já está sendo elaborado o Plano de Manejo da APA. Esses dois instrumentos se complementarão. O decreto do parque estabelecerá nesta área a proteção integral dos recursos naturais existentes. Já o plano de manejo norteará as atividades possíveis e as ações de conservação dentro do território da APA.

A proposta da criação do Parque Nacional Altos da Mantiqueira, elaborada pela equipe técnica do Instituto Chico Mendes (ICMBio), foi apresentada a representantes das Prefeituras das cidades cujo território se encontra total ou parcialmente dentro da APA, nos dias 22 e 23 de outubro, e já conta com o apoio dos governos dos três estados. A primeira reunião aconteceu no dia 22, em Piquete. Foram convidados os prefeitos e autoridades ambientais dos municípios do estado de São Paulo (Campos do Jordão, Santo Antônio do Pinhal, Pindamonhangaba, Guaratinguetá, Piquete, Cachoeira Paulista, Cruzeiro, Lavrinhas e Queluz). A segunda reunião ocorreu no dia 23, na sede da Floresta Nacional de Passa-

Quatro. Foram convidadas as cidades de Delfim Moreira, Itamonte, Itanhandu, Marmelópolis, Passa-Quatro, Virginia e Resende.

Para Piquete, a criação do Parque Nacional Altos da Mantiqueira é aguardada com expectativas. A Fundação Christiano Rosa, há mais de dez anos, vem trabalhando para a preservação da Mantiqueira e promovendo ações voltadas para a conscientização da comunidade sobre a importância desse maciço montanhoso. Essas ações visam à proteção da biodiversidade e à manutenção de áreas naturais, de tal forma que possam ser preservadas para as futuras gerações. Conciliar crescimento e desenvolvimento sem destruir a biodiversidade deve ser a meta. E a única forma de se atingir essa meta é a nova concepção de desenvolvimento, de forma que não se destrua a natureza, atenda às necessidades do presente sem comprometer as futuras gerações. Daí a importância de um parque, que deve ser um dos ideais de todos os que se preocupam com uma integração harmônica entre o homem e o meio ambiente. O município tem vocação natural para o turismo ecológico. Concorrem para isso as belezas naturais proporcionadas pela Serra da Mantiqueira. Os diversos picos, especialmente o dos Marins, com 2.422m, ideal para escaladas, de onde se descortina quase todo o Vale do Paraíba, a mata atlântica nativa, quedas d’água e trilhas são um convite para os amantes da natureza. São necessários, porém, normatização e muito cuidado para que essas belezas sejam preservadas.

Foto Frank Ferrer Senne



Crônicas Pitorescas

Partologia...

Palmyro Masiero

Água na chaleira há horas, a 100°, era remanso comparado ao que sentia o futuro jovem pai. Seu corpo era um fervilhar inquieto das células que o compunham, aflitas, agoniadas, abalroando-se mutuamente em expectativas nervosas. Um ser inteiramente angustiado.

A esposa, breve mãezinha de primeiro filho, há muito ultrapassara a fase de bibelô mimado. O marido a tratava agora como se fosse um “Olho de Boi” para um filatelista, um legítimo “Stradivarius” para um violinista, ou como um vaso de porcelana chinês da dinastia sei lá de que chim, para um colecionador. Cuidados e meiguices de plumas e paetês.

Ele conseguira férias fora de época para ladeá-la nos dias que antecediam a chegada do herdeiro, que até nome previsto já possuía: Zenon, em homenagem ao craque do timão. Os três primeiros documentos do garoto estavam definidos: certidão de nascimento, carteira de sócio do Corinthians e carteirinha de sócio da “Gaviões da Fiel”. Faltava somente o corintianinho pintar no gramado da vida. Essa ansiedade era acompanhada de perguntas incessantes à esposa: “Você está bem? Não está na hora? Sua mala já está pronta? As roupinhas do Zenon também?” Ladainha.

Certa manhã:

– Bem, estou sentindo contrações e algumas dores... Acho que está na hora.

O homem arremessou-se da cama para dentro de suas vestes. Afobado:

– Se arruma depressa! Mas devagar, pra não machucar o menino. Vou levar as malas para o carro.

Saiu disparado. Enfim tudo no fusca, estacionou-o em frente à porta e adentrou a casa desatinado. Queria levar a mulher no colo, proposta não aceita. Ela estava bem... O carro voou pela cidade e finalmente aterrisou na maternidade.

Já lá dentro, a esposa, de mala e filho na bolsa, acompanhada de uma enfermeira, despediu-se do marido, que antes já criara caso com a atendente sobre problemas burocráticos de internação. Pros diabos! Primeiro a mulher, depois a papelada. A parturiente sumiu, com um aceno, por uma porta. Ele enxugou umas lágrimas.

Foi despachar com a atendente e sentou-

se num banco tipo divã. A história é tão velha como dizer que se repete: haja cigarros queimados! Senta, levanta, acende cigarro em cigarro, anda, vira, senta, levanta, vai e vem, fumaça saindo até pelos ouvidos... Assistindo à cena, a gorda da portaria, tarimbada, velha de partos alheios, não devia fazer a pergunta que, de tão óbvia, tornou-se estúpida:

– Primeiro filho?

– É... Vem aí um garotão! Um corintiano do saco-roxo! – soltou sem medir a linguagem.

– Tudo vai correr bem... Acalme-se.

– Estou calmo... O moleque vai ser um cração de bola que nem o Zenon... Por sinal, vai se chamar Zenon. Já encomendei uma camisetinha do Corinthians pra ele – falava entusiasmado. A mulher sorria.

Após esses momentos de relaxamento, o nervosismo voltou. As horas correndo e ninguém lhe dando a mínima. Cigarro acabou. Apressadamente saiu, tomou café, e, com três maços retornou ao ninho. Mais fumaça, mais senta-levanta, mais anda-pralá-e-pracá e nada... O desespero a alfinetá-lo. Nada de bom ou de positivo passava por sua mente. Até um plano para invadir por onde entrara a mulher estava se arquitetando. O calor, insuportável... Pernas doendo dos quilômetros andados em poucos metros... Peito chiando de fumaça... Boca com gosto daquilo que cada um comeu e não gostou... Mais de seis horas passadas... Rendera-se. Sentou-se, abaixou a cabeça escorando-a com as mãos. Cochilou... Nem pressentiu quando uma sorridente enfermeira tocou-lhe os ombros. Deu um pulo.

– O senhor é pai de uma linda menina – disse-lhe a enfermeira.

– Graças a Deus! – exclamou esfuziante abraçando a mulher de branco.

– Sua senhora está nervosa pela sua decepção em não ser um menino.

– Em absoluto! Graças a Deus que é uma mulher!

– Não ficou triste, então, por não ser um garoto?

– Estou alegíssimo que seja mulher. – E convindo: – Sendo mulher, quando crescer e casar, não vai sofrer tanto para ter um filho!

Pescador mente, caçador jamais...

Edival da Silva Castro

Numa reunião de velhos amigos, todos admirados na cercania pelo passado cheio de peripécias e feitos, ouvi com atenção este fato inédito contado por um caçador.

“Quando a caça era liberada, tínhamos um rancho no sertão onde fazíamos nossas paradas para descansar ou fazer nossas refeições. Certa tardinha, encontrava-me à janela piando nhambu, quando, de repente, um bando de rolinhas sentou-se num arbusto, à minha frente. Eram tantas, que o local ficou amarronzado e os galhos da pequena planta envergados. Tive a cachimônia de contar uma por uma: contei exatamente trezentas e vinte rolinhas.

Como éramos seis caçadores, resolvi pegar minha espingarda que carregava pela boca e fazer uma surpresa aos amigos. Farofa de rolinhas seria uma deliciosa mistura para o jantar. Pus a pólvora, dei uma socadinha, coloquei palha de milho, dei outra socadinha e enfiei pelo cano adentro trezentos e vinte chumbinhos, socando-os bem socadinhos. Voltei para a janela. Tive a audácia de renovar a contagem das rolinhas – nenhuma tinha voado. Apoiei a espingarda na janela, fechei os olhos, puxei o gatilho e levei um baita coice com a explosão. Quando abri os olhos, o chão sob o arbusto estava como veludo marrom: só penas. Porém, uma delas bateu asas. Não quis acreditar. Quando fui recolher as rolinhas, obviamente havia trezentas e dezenove.

Meu compadre, que se encontrava ao meu lado, criticou-me:

– Compadre! Por que o senhor não abateu as trezentas e vinte rolinhas? As mesmas que sentaram no arbusto? A que voou não faria diferença.

– Sabe, compadre, eu costume ser honesto nos meus contos. Jamais aumento ou diminuo nadinha. Por causa de uma, poderia passar por mentiroso.



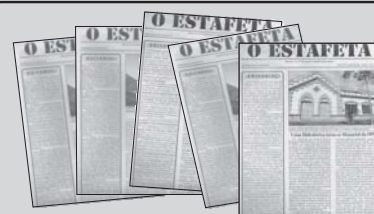
A Fundação Christiano Rosa convida para a exposição

“III Caminhos...”

da artista plástica Anacyr Nascimento Araújo

Abertura: 21/11/2009, a partir das 20h
Exposição: de 22/11 a 06/12, das 16h às 21h

Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa”
Largo do Hospital, Piquete/SP



Acesse, leia e divulgue o Informativo da FCR
“O ESTAFETA”

www.fundacaocrisrianorosa.cjb.net

A despedida

Nos olhos de meu amigo, naquela que foi a última visita, a animação do rico espírito. Expressavam fé, e não desesperança.

Não me dei conta de que aquela era uma despedida. Fazia a visita, já há muito prometida ao amigo que adoecera. Piorara muito na casa de saúde onde estava internado, a terceira delas; convivia com outros idosos, na variedade dos males, das tristezas, das angústias e da solidão. E esta, a mais reconhecível nos rostos sofridos, alongando as horas da espera, inconsolada e fria.

Sentados em estofados, assembléia do vazio a contemplar escombros, algumas vezes a lamentar fantasmas, os olhos refletiam sombras de brumas esgarçando-se.

Meu amigo, sentado entre eles, parecia uma figura estática. Só os olhos denunciavam vida. O corpo hirto não se mexia, uma das mãos segura por bandagem e o soro penetrando lentamente num corpo que se esvaía. Magro, irreconhecível, apenas o leve toque de emoção nos olhos, estes sim, movendo-se na expressão facial glacializada, como se em imagem de gelo esculpida fosse. Mas a lucidez presente, e a memória ativa. Falava ininteligivelmente. Aos meus ouvidos, pois a fala saía com muita dificuldade, mas era coerente. Eu é que não escutava acuradamente.

Poeta dos bons que era e estimulante para os alunos e os amigos, emocionou-se com o poema dedicado a ele, que lhe disse de memória. Cumprimentou-me.

O mal de Parkinson atingira meu amigo. Foi-lhe tirando as forças, os movimentos, a clareza da fala, não do pensamento e nem da mente. Os estados da consciência mantinham-se nesse corpo fragilizado.

Corroído pelas dores, a imobilização crescente, ele definhava entre as ausências que o cercavam. Anteriormente, no lar, com esposa e filhos, ainda contava com a presença álcara da neta. Com as internações, o afastamento. Esporádicas voltas à casa iluminavam essa sofrida trajetória.

Mas o processo degenerativo foi-se impondo, cada dia mais, cada dia mais. Menos ação, todo ouvidos. A música, um lenitivo. Resistia na consciência do estado a que fora reduzido.

Sentado no sofá de uma sala, frente a um monitor de TV quase sem som, só movimento, mostrou-me o quarto ao lado que ocupava. Limpo e arrumado, o rádio receptor e a pilha dos CDs dos cantores preferidos. Disse a enfermeira ter ele momentos tranquilos ao ouvir as composições de que gostava.

Assim, foi esgotando suas horas em dias sempre iguais, os companheiros sentados lado a lado, os dispositivos do soro inoculando soluções, enfermeiros e médicos circulando nos atendimentos e os fiapos de vida se soltando, se soltando. No tecido, as Parcas perdendo os fios.

Sentei-me à sua frente. A única mão em movimento segurou a minha, que lhe oferecia em ato de compaixão e solidariedade. Acatou-a, já sem força, mas firme no beneplácito do tempo memorizado.

Falava, mas os músculos presos não permitiam total compreensão, apenas fragmentos. Palavras tropeçadas.

Procurei falar, preencher o espaço da fala. Ele escutava, assentia, respondia. Mas, para meu desespero, tudo difícil na comunicação, pois não o entendia perfeitamente. O entendimento era inconsistente. Era, entretanto, necessário corresponder ao que ele insistentemente falava. Afligia-me o impasse.

O tempo de duração para visitas se escoava. Esgotou-se. Chegava a hora de sair. Despedia-me. Minha mão na sua. Gentil e fraternamente ele beijou-a. Beijei-lhe a testa. Não sabia como sair. Retinha-me frente a ele, prometendo novas visitas e perguntando-lhe o que desejava que lhe levasse. Ele falou de CDs e frutas preferidas. Prometi-lhe um CD de Maria Betânia, sua cantora preferida, e algumas frutas.

Afastava-me, e com os olhos ele me acompanhava sem se mexer. Notei um leve movimento na mão que era ativa. Seria um aceno? Talvez. Saí, oprimida pela compunção.

Um mês depois, com o CD comprado e guardado em minha casa, recebi a notícia, pela filha, de que ele havia, enfim, se afastado para o repouso que merecia. Já sofrera muito. Sofreu bastante na finalização, no mês que passou hospitalizado e cada vez mais sem ar, sem força e imobilizado.

Na última imagem denunciadora da paz atingida, o retrato da missão bem cumprida.

Dóli de Castro Ferreira

“Se eu parar meu cavalo, a sua égua empaca”

Curvada contra um vento que me arrancava lágrimas e me açoitava o rosto com pedacinhos de pedra e poeira, gritei para o Jovino:

– Não pare este bendito cavalo! Não vamos aguentar! Precisamos de um abrigo! Parece que o mundo vai desabar!

E a chuva caía impiedosamente, acompanhada de raios e trovões assustadores!

Jovino ria do meu medo e dizia:

– Se eu parar meu cavalo, a sua égua empaca.

A égua dava pulos e escouceava como uma danada, estranhando os incômodos arreios.

A caminhada pela estrada era de um subir e descer morros. Não se via nenhuma habitação. A tarde quase morria...

Aos poucos, a chuva foi abrandando. Já era quase notinha quando chegamos à casa do Seu Dito Virgulino e Dona Maria, onde eu seria hospedada.

Na minha memória estão alguns fatos dessa vivência rural, onde se localizava a escola, da qual, agora, era eu a titular.

– Bairro do Canta Galo, distante vinte quilômetros do município de São Bento do Sapucaí.

Tempo de muitas dificuldades para o exercício da profissão.

A locomoção até a cidade de São Bento era a cavalo, percorrendo estreitas trilhas da Serra da Bocaina (ramificação da Serra da Mantiqueira).

Tudo eu enfrentava, com determinação, entusiasmo e força da minha vocação.

Minha missão era alfabetizar, formar cidadãos, ajudar a construir um Brasil melhor.

O inverno naquela região era forte, com geadas que deixavam o capim todo branquinho. No caminho para a escola, as crianças levavam uma canequinha com açúcar e chupavam as pedrinhas de gelo. Delicioso sorvete...

Guardo na lembrança a capelinha de Nossa Senhora Aparecida, pintada de branco, toda contornada de ramagens e arcos de bambu, de onde pendiam enfeites de flores de São João.

No mês de maio, mês de Maria, ficava lotada nas noites frigidíssimas.

Para chegar até a capela, nos organizávamos em procissões levando tochas de bambu para iluminar as trilhas. Com devoção, fé, rezas, cantorias e vivas a Nossa Senhora, caminhávamos. A professora, autoridade respeitada, puxava o terço. Admirava a religiosidade daquela humilde gente!

Transbordava de alegria o pequeno povoado com as visitas mensais do Padre Pedro, pároco da Igreja de São Bento, da acolhedora cidade de São Bento do Sapucaí. Chegava a cavalo e ficava hospedado na casa de Seu Dito Virgulino, onde eu também morava.

Notei que a “bóia” melhorava para agradar ao sacerdote. Cativen sua amizade, e suas visitas, a meu pedido, passaram a ser mais frequentes. Comida e guloseimas cada vez mais saborosas. E eu, pecado da gula,

ou não, fui a professora mais religiosa da época. Rezei em novenas, preparei crianças para primeira comunhão. Ganhei afilhados.

Hoje, triste realidade! A carreira do magistério, antes tão reconhecida e respeitada, passa a ser um trabalho temporário. Professores procuram outro meio de subsistência, pois o salário mingua leva-os a afundar-se em dívidas e desesperança.

Em um dos seus artigos, Joelmir Beting (jornalista) assim se expressa: “O sistema educacional brasileiro está pregado na cruz”

A violência nas escolas, o desrespeito dos alunos, pouca ou nenhuma participação das famílias dos educandos, as jornadas impiedosas de trabalho, os míseros salários levam o professor a um patamar vergonhoso.

Conclusão: ninguém quer mais exercer esta profissão, e a sociedade, em geral, ao se calar, será a mais atingida.

Entretanto, acredito que, além de políticas públicas voltadas à Educação, a lealdade à missão que o professor abraçou é o fator primordial ao resgate da sua dignidade.

Recordando os velhos tempos, quando a escola era “risonha e franca”, volto o olhar para minha primeira escola e ouço a voz brincalhona do Jovino: “Se eu parar o meu cavalo, a sua égua empaca.”

Fui persistente – a égua desempacou. Era outubro de 1954...

Eunice Fernandes

Competência não tem cor

A comemoração do bicentenário da chegada da família real portuguesa ao Brasil tornou possível a realização de um grande desejo que alimentei desde a mais tenra idade: ouvir a Missa de Réquiem do Padre José Maurício Nunes Garcia.

Diz a história que, quando faleceu D. Maria I, a Piedosa em Portugal e a Louca no Brasil, também encerrou sua passagem neste mundo a mãe do padre compositor. A composição, embora destinada à rainha, manifestava toda a dor que José Maurício sentia pela perda de sua mãe Victoria Maria da Cruz.

O neto de escravos disputava com o português Marcos Portugal e o austríaco Sigismund Neukomm o título de melhor músico da corte do Príncipe Regente, depois D. João VI.

O Réquiem que me chegou às mãos foi gravado pela Orquestra Sinfônica e Coro da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), sob a regência do maestro Ernani Aguiar.

Retirado do invólucro do CD, o libreto me traz duas surpresas. As vozes masculinas, solistas, são de dois negros. O tenor é Geilson Santos e o baixo é Maurício Luz.

Sonho realizado, nem foi preciso dar graças. O Réquiem vem acompanhado de um magnífico Te-Deum, também composição de Nunes Garcia.

Os últimos acordes da obra do neto de escravos vão, pouco a pouco, sendo



substituídos na minha mente pela apoteose de Kizomba, interpretada por Emílio Santiago: “ô ô ô negra-mina, ô ô ô Clementina”.

A etnia fanti, que, no Brasil, ficou conhecida como negros-minas, deu ao mundo, no século XX, um grande diplomata e arquiteto da paz, o ganense Koffi Annan.

Repitamos o historiador Luiz Felipe de Alencastro: “estadista do mundo, grande sábio, gente fina, negro-mina”.

Gente fina são os quenianos que nos encantam com suas vitórias nas corridas de longo percurso. No pódio mundial, também se encontra a queniana Wangari Maathai,

prêmio Nobel da Paz de 2004, que encabeça na África a luta pela preservação ambiental.

20 de novembro está aí novamente. Falaremos de quilombo, de Zumbi, de resistência, de escravidão.

O que importa não é reconhecer os erros do passado. O que importa não é apontar as virtudes dos filhos da África.

Os homens encontram mil razões para menosprezar, para discriminar, para escravizar.

O que importa é uma atitude decente diante de todos os seres humanos.

Aprendamos com o cientista político Sérgio Abranches:

“Preconceito é uma deficiência cultural. Nasce da má informação, da má formação. É um ato de ignorância ou ausência de certos valores”.

“Racismo é uma falha moral. É uma atitude consciente de menosprezo racial e intelectual”.

Que, no decorrer deste século, os homens encontrem a fórmula da perfeita convivência.

Que o samba-enredo da nova Kizomba seja de conquistas e redenção para o mesmo Martinho da Vila, para a mesma Vila Isabel.

E que possamos todos juntos entoar o Te-Deum de José Maurício Nunes Garcia.

Abigayl Lea da Silva

Ilustração: Padre José Maurício Nunes Garcia. Litogravura Instituto e Geográfico Brasileiro.

Viva a Ditadura das Bananas!!!

Talvez o leitor desta coluna julgue-me alguém muito ranzinza, mas preciso expressar aquilo que não consigo deixar de perceber na maioria das pequeninas cidades de nossa região.

Temos uma população com péssima qualidade de conscientização política, que participa do processo político apenas nos pleitos eleitorais, escolhendo seus candidatos como se estivessem aderindo a torcidas de futebol, sem nenhum senso crítico. Os únicos critérios de escolha são, geralmente, a falsa simpatia dos demagogos pretendentes às funções públicas e as inúmeras e atrativas promessas de benefícios pessoais feitas aos despreparados e descomprometidos eleitores.

Nesta situação, a democracia não se concretiza entre nós, nem a poder de reza; e torna-se cada vez mais forte a capacidade de persuasão da podre e corrupta aristocracia, que vai se estabelecendo em nossos pobres municípios, quase sempre financiada pelo desvio do dinheiro público realizado inescrupulosamente nas Prefei-

turas municipais. Sem democracia de fato, surge, em muitas de nossas cidades, uma nova forma de sistema político que se parece com a ditadura que vem se implantando em Honduras, onde o presidente golpista Micheletti impôs, recentemente, um estado de sítio suspendendo diversos direitos da população, como os de fazer reuniões, expressar-se e circular livremente.

Em nossos municípios, muitos têm medo de se expressar livremente, principalmente quando o assunto é política, “é melhor ficar quieto”. Reunir-se com determinados grupos torna-se perigoso, sobretudo com os de oposição aos que exercem o mando. Há certo receio de se frequentar locais que são considerados desfavoráveis aos que estão no domínio. Parece-me haver um estado de sítio não declarado, paira a ameaça da perseguição política, mesmo que nunca explícita.

Outra terrível realidade de nossas cidadezinhas é o nepotismo e o favorecimento dos aliados. O ocorrido em outubro na França, a pretensa nomeação de Jean

Sarkozy, filho do presidente à direção do órgão que administra o bairro empresarial La Défense, uma das áreas mais ricas daquele país, fato que gerou grande e revoltosa manifestação popular, a ponto de impedir a efetivação da indicação, é uma triste constante entre nós. Aqui, porém, não há manifestação popular, a não ser alguns tímidos comentários ao pé do ouvido, e as indicações de parentes e partidários sempre se efetivam.

Tudo isto me deixa convencido de que, em nosso pedaço de chão não há democracia, o que existe, e é muito bem sucedido, é um sistema político a que arrisco chamar de “Ditadura das Bananas”, que se assemelha, ao mesmo tempo, à ditadura de Micheletti e à república das bananas de Nicolas Sarkozy. O mais triste desta história é que, provavelmente, isto não se modificará tão cedo, e quanto mais o tempo passar, mais o povo aprenderá a clamar: “Viva a Ditadura das Bananas!!!” e pior: “Abaixo a Democracia!!!” **Pe. Fabrício Beckmann**